



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

O TRABALHO DE CRIAÇÃO DO DESIGNER

Ana Maria da Rocha Périgo; Sonia Regina Vargas Mansano,
aninhaperigo@gmail.com; mansano@uel.br.

Universidade Estadual de Londrina - UEL

Resumo

O designer, assim como outros trabalhadores que têm sua criação interceptada pelo sistema capitalista, ao longo da história demonstrou que seu trabalho contribuiu consideravelmente com essa lógica. Nota-se que, à medida que os sistemas de produção industrial, assim como a publicidade, cresciam, a criação do designer era solicitada para que produtos e serviços fossem comercializados, atendendo as demandas do mercado. O presente trabalho tem como objetivo entender a contribuição desse trabalhador, a partir de sua criação, caracterizada como trabalho imaterial, desde o surgimento dessa profissão, as atividades atribuídas ao designer e o que se espera deste profissional, na contemporaneidade. Para tanto, foram levantados referenciais teóricos abordando o desenvolvimento do sistema capitalista, desde a Revolução Industrial até a atualidade, assim como a conceituação do trabalho imaterial e sua conexão com as atividades do designer, e outras possibilidades de atuação do profissional em questão.

Palavras-chave: Designer, capital, trabalho, criação.

Introdução

Historicamente, o século XIX, marcado pela produção seriada, tirou tarefas que eram exclusivas dos artesãos entregando-as aos novos espaços produtivos: as indústrias. Com o passar do tempo e o avanço das indústrias, novos trabalhadores foram incorporados ao sistema produtivo. Um deles é o designer: Especialista responsável por solucionar problemas e facilitar a produção, valendo-se da velocidade produtiva das máquinas. Seu papel deveria ser o de projetar produtos que apresentassem formas compatíveis com as máquinas e com o processo seriado, aumentando o ritmo e a quantidade da produção, assim como elaborar peças gráficas publicitárias. Além disso, o designer fornecia atrativos artísticos aos novos objetos produzidos em série, a fim de torná-los consumíveis e, também, às peças gráficas (EPPINGHAUS, 1999; DENIS, 2000; WOLLNER, 2002; FORTY, 2007).

A produção criadora dos designers, nesse novo modelo de trabalho, passa a acontecer também, fora das organizações. Segundo Mansano (2015), esse tipo de



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

produção, que ultrapassa as fronteiras dos ambientes exclusivamente destinados ao trabalho, pode ser considerado como trabalho imaterial, pois a criação e a conexão com as atividades profissionais não cessam, mesmo nos momentos mais íntimos e privados do trabalhador,

A discussão sobre o papel do designer nas indústrias vem de longa data, pois, comumente ele é associado a um contribuinte da lógica econômica de produção de sistemas capitalistas e “vital na criação da riqueza industrial” (FORTY, 2007, p. 11). Com a flexibilização do trabalho, na fase pós-fordista, o capitalismo consegue se reinventar. Boltanski e Chiapello (2009) abordam as injunções do capitalismo, mencionando que o sistema capitalista passa a oferecer mecanismos que incentivam o designer a produzir, tendo como objetivos o aumento das vendas, o reconhecimento pelo bom design desenvolvido, transformando sua criação em sucesso mercantil, concedendo-lhe notoriedade e prestígio.

No entanto, Papanek (2008) já havia atribuído aos processos de criação do designer outra conotação, cujas atividades deveriam estar focadas em soluções de problemas para os indivíduos, facilitando e dando qualidade às formas de existência, assim como para a preservação dos recursos ambientais, tanto por meio de seus projetos de produtos, quanto à comunicação realizada por meio das interfaces gráficas (MALDONADO 2012; BONSIPE, 2011).

Procedimentos metodológicos

O procedimento metodológico consistiu em fazer-se um levantamento histórico dos fatos que contribuíram para a estabilização de um sistema de produção capitalista e a inserção do designer neste contexto, o que propiciou o entendimento de sua participação como um agregador ao crescimento econômico dos segmentos organizacionais industriais e publicitários. Nesse sentido, optou-se pela pesquisa qualitativa, pois, segundo Godoi (et al, 2006), ao se realizar uma investigação, por meio desse tipo de pesquisa, fica implícito que o pesquisador não fornece exclusividade ao rigor, pois procura, em seus achados, singularidades e outras nuances que também são imprescindíveis para o conhecimento científico.



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

A trajetória histórica do designer e a contextualização desse profissional, na contemporaneidade, servem para demonstrar a existência de alguns impasses inerentes a essa profissão, o que permite distinguir entre o que lhe é solicitado pelo mercado e o compromisso social que atravessa suas atividades. A fim de se compreender como ocorre a apropriação da criação do designer pela lógica capitalista, algumas categorias foram elencadas para a análise. As categorias estabelecidas são consideradas, por Minayo (2002, p. 70), como “conceitos mais gerais e abstratos”. Para o presente estudo, foram elencadas preliminarmente três categorias, conforme explicitado no Quadro 1, abaixo.

Quadro 1: Categorias norteadoras

CATEGORIAS DE ANÁLISE	TEMAS CORRESPONDENTES
<i>A inserção do design na produção industrial capitalista (pós-guerra e pós-fordismo)</i>	Abordagem sobre o tipo de trabalho praticado na Revolução Industrial; o trabalho disciplinado na era fordista; e sua flexibilização no pós-fordismo.
<i>O trabalho imaterial do designer</i>	Abordagem dos conceitos sobre o trabalho imaterial e a caracterização do trabalho do designer.
<i>O sistema capitalista de produção e o design</i>	Abordagem sobre as justificações do capitalismo e as tendências da criação do designer neste contexto e o que se espera dele.

Fonte: Elaborado pela autora

Resultados e Discussão

Ao percorrer os caminhos que o designer traçou ao longo de sua história, nota-se que esse profissional contribuiu com o sistema de produção capitalista, sendo um coadjuvante importante no crescimento econômico de muitos países. Entretanto, existem abordagens teóricas que atribuem ao designer outros enfoques para o desenvolvimento de seus projetos, junto às questões ambientais e também sociais (LÖBAK, 2000). É esse movimento complexo de adesão e resistência à lógica do capital que a presente pesquisa irá buscar demonstrar, futuramente, por meio de depoimentos de designers, acerca dos impasses presentes em seu cotidiano de trabalho.

Conclusões



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

Embora o presente trabalho ainda esteja em execução, percebe-se que o designer oferece possibilidades de ganhos econômicos, mas que também pode, e deve contribuir com a sustentabilidade do planeta, incluindo a dimensão das ações que contemplem as questões sociais. Kazazian acredita que os vínculos sociais devam se sobrepôr aos vínculos mercantis e entende que, por meio das dimensões ambientais e sociais “os países capitalistas estão sendo convidados a integrar um princípio de partilha” (KAZAZIAN, 2005, p. 27). Nota-se que o trabalho imaterial dos designers poderá servir, com maior ou menor intensidade, às duas pontas desse embate: contribuir com a lógica capitalista voltada para o consumo incessante ou com a sustentabilidade e com uma lógica mais humanista, que preserve o bem estar.

Referências

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, È. O espírito do capitalismo. In: _____. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009, p. 31-61.

BONSIEPE, G. (ED.). (2011). Design, cultura e sociedade. São Paulo, SP: Blucher.

DENIS, R.C. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

EPPINGHAUS, R.H.G. Design moderno: limitações terminológicas. **Estudos em Design**. Rio de Janeiro, v.7, nº 2, p. 55-75, ago.1999.

FORTY, A. **Objetos de desejo**: Design e sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GODOI, C.K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A.B. Pesquisa qualitativa e o debate sobre a propriedade do pesquisador. In: GODOI, C.K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A.B. (orgs.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006. P. 1-13.

KAZAZIAN, T. **Haverá a idade das coisas leves**: Design e desenvolvimento sustentável. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

LÖBACH, B. **Design industrial**: Bases para a configuração dos produtos industriais. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2000.

MALDONADO, T. **Cultura, Sociedade e Técnica**. São Paulo: Blucher, 2012.



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

MANSANO, S.R.V. "Em que posso ajuda-lo?": Considerações sobre o trabalho imaterial afetivo na contemporaneidade. In: HELOANI, R.; SOUZA, R.M.B.; RODRIGUES, R.R.J. (Orgs.). **Sociedade em transformação**: Estudo das relações entre trabalho, saúde e subjetividade. 2.v. Londrina: EDUEL, 2015.

MANZINI, E.; VEZZOLI. C. **O desenvolvimento de produtos sustentáveis**: Os requisitos ambientais dos produtos industriais. São Paulo: EDUSP, 2005.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

PAPANÉK, V. **Design for the real world**: Humanecology and social change. London: Thames & Hudson, 2008.

WOLLNER, A. **Textos recentes e escritos históricos**. São Paulo: Editora Rosari, 2002.